

Brasil entra na rota de países “nanicos”

Crescimento e visibilidade fazem do país “desejo de consumo” comercial

Marcel Santana/Divulgação

Bárbara Ladeia

bladeia@brasileconomico.com.br

Com crescimento econômico e avanço na relevância internacional, o Brasil já é considerado por muitos um país do presente. Após atrair atenção de economias gigantes como China e Estados Unidos, além de Espanha, Holanda, Coreia e até Canadá, chegou a vez das pequenas tentarem lucrar com o avanço do “gigante latino-americano.”

Nos últimos dois meses passaram por aqui comitivas comerciais do Haiti e da Nigéria — ambos com objetivo de atrair investimentos do empresariado nacional para seus países. E a agenda segue. Hoje desembarca o governador da Flórida, Rick Scott, que passará por São Paulo para ampliar o relacionamento bilionário que já tem com o Brasil. Em 2010, os estados americanos faturou US\$ 12,5 bilhões em exportações ao país, resultado 11% maior que no anterior. Amanhã, ministros paraguaios e líderes empresariais chegam trazidos pela Paraguay Invest, em busca de investimentos brasileiros para o país. E, na quarta-feira (26), a ministra das relações exteriores da Província do Quebec, Monique Gagnon Tremblay chega para “fortalecer a presença no mercado brasileiro”. Ela terá um encontro com o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, para conversar sobre cooperação bilateral.

Entrada para a África

Desde a semana passada, uma comitiva de São Tomé e Príncipe passa o chapéu em busca de investimentos para criação de duas zonas francas — uma industrial e outra de apoio logístico e turismo. Com um Produto Interno Bruto de US\$ 311 milhões em 2010, o país precisa de €200 milhões em investimentos em infraestrutura. Carência não falta. Eles precisam de aeroportos, rodovias, energia e saneamento.

A ideia, segundo Argemiro dos Prazeres, ex-ministro do país e consultor do governo nos assuntos relacionados às zonas francas, é atrair empresas pela possibilidade de entrada com isenção fiscal em outros países

Argemiro dos Prazeres quer convencer brasileiros a investir no arquipélago



Basta a etiqueta Made in São Tomé e Príncipe para se reduzirem a zero os impostos de entrada de produtos na África Central

da África. A única limitação: ter 35% do valor do produto agregado em solo principense.

“Com a etiqueta Made in São Tomé, o produto entra em todos os países da Comunidade Econômica dos Estados da África Central sem pagar imposto, além de ter desconto em outros países como em Angola”, defende. “Basta embalar o produto em São Tomé e Príncipe.”

Atualmente, 40% da população do país está desempregada o que seria garantia de uma far-ta mão de obra jovem e barata. A maior parte da população tem entre 18 e 40 anos. As obrigações trabalhistas do empregador se resumiriam a 6% do salário do funcionário entregue à ao serviço de seguridade social. ■